

Why the wilderness? 1/3

Porquê o deserto? 1/3

Olá a todos,

Uma expressão comum é: “Estou a passar por um deserto.” Às vezes as pessoas dizem: “Deus não está a falar comigo” ou “Sinto como se o Senhor me tivesse deixado.” Por vezes alguém sente que está num deserto se, durante algum tempo, não tem manifestado os dons do Espírito ou não teve um sonho espiritual. Tudo isto, e muito mais, pode levar à sensação de estar a passar um deserto espiritual.

Comparamos o nosso deserto com o de Israel

Sentimo-nos como se estivéssemos num lugar seco, tentando chegar a uma Terra espiritual Prometida de realização, propósito e direção, que nos dará paz e proximidade com Deus. Em 1 Coríntios 10:1-13, Paulo estabelece alguns pontos acerca de Israel, de que todos estiveram sob a mesma nuvem de Deus, todos passaram pelo mesmo mar, todos comeram o mesmo maná, todos “beberam da mesma rocha espiritual; e que essa rocha era Cristo”. No entanto, Deus não se agradou de alguns deles, porque caíram em pecado sexual, idolatria e cobiça pela relativa abundância que tinham tido no Egito. Assim, a questão é: porquê o deserto e o que devemos esperar dele? E talvez também: qual deve ser a nossa atitude quando estamos num deserto espiritual?

Depois de mencionar Israel no deserto, Paulo disse no v.6 e novamente no v.11: “Estas coisas aconteceram-lhes como exemplos e foram escritas como advertência para nós...” A palavra grega traduzida por “advertência” significa “chamar a atenção para...”, uma repreensão leve, um aviso (para que se tome nota). Por outras palavras: reparem, estudem, aprendam e não cometam os mesmos erros quando estiverem no vosso próprio deserto.

Consideremos a experiência de Israel no deserto...

O Senhor deu a Israel os 10 Mandamentos e o restante da Lei de Moisés enquanto Israel estava no deserto. Naquela altura, cerca de 1400 a.C., nenhuma nação era dona daquele deserto. Isto mostra-nos que a Palavra de Deus não pertencia a uma única nação. Era para todos, para qualquer pessoa que O quisesse. Podemos também dizer que Jesus (a Palavra de Deus feita carne) esteve pendurado na cruz entre a terra e o céu, e nesse lugar intermédio que não pertencia a ninguém, Ele pagou o preço por todos.

Caso contrário, se Deus tivesse dado a Palavra a Israel depois de se estabelecerem na terra de Israel, eles poderiam dizer que nenhuma outra nação poderia ter a Palavra de Deus. Se apenas os judeus tivessem crucificado Jesus, poderiam talvez reivindicá-Lo exclusivamente como seu. Mas na crucificação de Jesus estiveram envolvidos judeus e gentios (romanos). Portanto, a pessoa que é a Palavra Viva, no meio do Seu próprio deserto, é para todos os que O quiserem receber.

Consideremos também...

Se a Palavra de Deus tivesse sido dada a Israel dentro da terra de Israel, todas as outras nações teriam uma desculpa para não receber o Senhor. Poderiam dizer, com justificação, que Ele é apenas o “deus” de Israel. Mas não foi assim. Portanto, ninguém tem desculpa. O deserto não é desculpa para perder a fé em Deus, porque os maiores milagres da existência de Israel aconteceram enquanto vagueavam no deserto. Ele abriu o mar, transformou água amarga em água doce, fez sair água de uma rocha, deu uma nuvem de dia e fogo de noite, providenciou maná e codornizes, as roupas e sandálias deles não se gastaram, e muito mais — tudo enquanto Israel estava no deserto.

Também nós devemos procurar os Seus milagres enquanto estamos no nosso deserto. Alguns deles queixaram-se da forma como o Senhor lhes providenciava alimento (o maná) — não sejamos assim!

Este padrão de o Senhor dar a Sua Palavra no deserto explica porque, tantas vezes, uma pessoa se aproxima de Deus e se sente espiritualmente forte nesses momentos. Mesmo estando num deserto, por dentro estão fortes. Eles percebem os “pequenos” milagres de provisão (às vezes quase

imperceptíveis), mas também no tempo certo, na graça e em muitos outros sinais de que Ele está presente, e isso traz consolo.

Há anos conduzi um estudo bíblico numa penitenciária de média segurança. Os homens naquele estudo bíblico tinham cometido crimes muito graves e estavam condenados a prisão perpétua. Estavam num deserto que eles próprios tinham criado — e onde permaneceriam até morrer. Mas aqueles homens eram mais livres do que muitas pessoas que vivem a sua vida normal fora dos muros da prisão. Eram livres no espírito e na alma. O Senhor era muito real para eles, muito gracioso, e demonstravam verdadeiramente a alegria e a paz do Senhor no meio da prisão e da sua cultura difícil.

Paulo valorizava as suas experiências no deserto: “Mas ele me disse: ‘A minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa (amadurece, é completo) na fraqueza.’ Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim.” 2 Coríntios 12:9

Cada experiência de deserto é única e profundamente pessoal

Não pode ser reivindicada por mais ninguém e prova que estamos apenas de passagem, o que é importante recordar. Caminhar por um deserto é temporário, apenas uma estação da vida. Quando o nosso filho mais velho, Chris, teve um AVC aos 17 anos, perdendo o uso do braço esquerdo e grande parte da perna esquerda, o Senhor disse à Barb: “Faz disto um momento, não uma vida inteira.” O significado era que, da perspectiva do céu, aquilo era apenas um momento passageiro, e Ele queria que ela se focasse nessa perspectiva maior no meio da crise.

Não devemos ficar num lugar onde dizemos que somos vítimas das circunstâncias — ou que o nosso deserto veio por causa dos pecados de outros. Não, não devemos dizer coisas como: “Se ao menos os egípcios nos tivessem deixado sair voluntariamente...” isso não é válido. “Se o pastor não tivesse tido um caso com a líder de louvor, eu não estaria tão zangado com eles e com Deus.” “Se o pastor não tivesse pecado, não sentiria que todo o meu mundo espiritual desmoronou.” Não.

Independentemente de quem fez o quê e quando, lembre-se deste ditado: “Se não te sentes tão próximo de Deus como antes, adivinha quem se afastou?” Israel teve de passar pelo deserto para chegar à Terra Prometida. A crucificação de Jesus fez com que os discípulos fugissem em choque e confusão. Mas o dia da ressurreição chegou. Os desertos fazem parte da vida na terra — mas são sazonais.

Pedro escreveu em 2 Pedro 1:4 “... Por meio delas ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes* da natureza divina...” Normalmente vemos as promessas de Deus como orações respondidas, por isso fazemos tudo para permanecer “em fé”. Expulsamos demónios, pedimos ao Pai que envie anjos, talvez jejuemos e oremos enquanto esperamos que a promessa se cumpra. *Do grego: Koinos, comunhão, tendo em comum

Mas Pedro diz que Ele as dá primeiro e acima de tudo para que participemos da Sua natureza divina. Na minha experiência, na maioria dos casos, quanto mais rapidamente me concentro em tornar-me mais semelhante a Cristo e crescer enquanto espero ansiosamente o cumprimento da promessa, mais depressa essa promessa se cumpre. Em vez de adotar o erro de pensar que tudo depende de mim — lutar, resistir, repreender, jejuar e orar para ver a resposta — eu paro e aproximo-me d’Ele. Faço tudo o que posso naquele tempo para desenvolver o carácter de Cristo e o fruto do Espírito enquanto aguardo que a promessa se cumpra. Alinha o teu coração com o propósito mais elevado de Deus ao dar-te a promessa — para que participes da natureza divina — e o tempo no deserto encurta muito rapidamente.

Na próxima semana: Ternura no deserto. Até lá, bênçãos!

John Fenn
cwowi.org email: cwowi@aol.com

Porquê o Deserto? Ternura no deserto. 2 de 3

Olá a todos,

À procura de ternura no deserto

Muitas vezes, uma pessoa sente-se como se estivesse num deserto por causa de uma promessa não cumprida. Colocou as suas expectativas na forma como acredita que essa promessa se concretizará e, quando isso não acontece no prazo ou da maneira que imaginava, a sua fé é abalada. Muitas vezes, isso acontece porque criamos uma estrutura através da qual acreditamos que Deus atua. Quando o Pai nos desilude por não fazer aquilo que se encaixa na nossa estrutura do que pensamos serem os Seus caminhos e a Sua Palavra, isso pode lançar-nos num deserto de desconfiança.

Esses momentos de desilusão, e de Deus fazer ou não fazer as coisas conforme pensávamos, levam-nos a examinar aquilo em que acreditamos e porquê. Depois da desilusão, depois da ira, vem a introspeção — um processo que pode levar anos. Mas o Pai é Mestre em usar aquilo que nos leva a questioná-Lo para nos transformar e ensinar, provando o que realmente está no nosso coração. O deserto traz à superfície as partes mais profundas do nosso coração, para que possamos confirmar aquilo em que acreditamos ou arrependê-nos e mudar.

Como Deus usou o deserto de Israel: Deuterónimo 8:1-7

Deuterónimo contém as últimas palavras de Moisés, dirigidas aos filhos daqueles que saíram do Egito, mas morreram no deserto. Era essa a geração que entraria na Terra Prometida. Em Deuterónimo 8:1, o Senhor diz aos filhos que a Sua intenção é prepará-los para entrarem na Terra Prometida de bênção que tinha prometido aos seus antepassados e pais.

Com esse propósito, Ele continua no versículo 2: “Lembrem-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto durante estes quarenta anos, para os humilhar e pôr à prova, a fim de conhecer o que estava no coração de vocês, se iriam ou não obedecer aos seus mandamentos.”

A palavra traduzida como “provar” ou “testar” é o hebraico *nasah*, usada também em Génesis 22:1, onde se diz que “Deus pôs Abraão à prova” ao pedir-lhe Isaac. Estudiosos judeus e cristãos salientam que “provar” não significa uma tentação para o mal, nem um teste para que Deus soubesse o que estava no coração de Abraão ou de Israel. Não — significa “para que o conhecimento (do que está no seu coração) surja neles”. O Pai sabe tudo; portanto, um tempo de deserto, que é um tempo de prova, não é para benefício d’Ele, para que saiba o que está no nosso coração, mas para nosso benefício — para que nós o saibamos.

Há várias outras passagens no Antigo Testamento que mostram que o Pai usa este mesmo método repetidamente: “Deus o deixou (Ezequias), para o provar e para conhecer tudo o que havia no seu coração.” 2 Crónicas 32:31, Juízes 2:22, 2 Crónicas 9:1 — 36 ocorrências desta mesma palavra com o mesmo propósito. Deus não está a fazer isto contra ti, mas está a usar o teu deserto para que possas conhecer o que está no teu coração. Sim, é uma prova. Sim, é para revelar o que está no teu coração — não para colocar um obstáculo diante de ti. Em Tiago 1:13 diz “Quando alguém for tentado, jamais deverá dizer: ‘Estou sendo tentado por Deus’. Pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta.” Portanto, Deus não permite um deserto para tornar a vida difícil, mas para que possas conhecer o teu próprio coração e a profundidade do teu compromisso com Cristo.

Ternura no deserto

O deserto não é algo pelo qual queremos voltar a passar, mas contém milagres conhecidos apenas por nós. No que diz respeito a Israel, o Senhor via aquele tempo no deserto como algo íntimo, apenas entre Ele e o Seu povo. Moisés foi instruído a dizer ao faraó em Êxodo 4:22: “Israel é o meu filho, o meu primogénito.” Mais tarde, em Oseias, olhando para trás, o Senhor disse: “Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho.” (Oseias 11:1). Esta não é a voz de um senhor duro, mas de um Pai amoroso que ajuda o Seu filho a crescer.

Alguns de nós lembram-se dos nossos próprios pais, ou talvez do primeiro emprego, quando fomos obrigados a continuar a trabalhar mesmo cansados, com fome, sede, cheios de bolhas e sujos — mas o nosso pai, ou chefe, fez-nos esforçar, e descobrimos que éramos mais fortes do que pensávamos. Muitos passam por desafios extremos na vida — divórcio, morte de entes queridos,

falência, despedimentos, mudanças inesperadas — e descobrem que são mais fortes do que imaginavam. Mas esses momentos não estão isentos da compaixão, instrução e ternura do Senhor. Ele esteve sempre lá — muitas vezes só o percebemos mais tarde.

Mesmo quando Israel mais tarde se afastou do Senhor, num outro tipo de deserto espiritual, em Oseias 2:14, 19-20 o Senhor muda a Sua linguagem de Pai para filho, para a de um marido que perdoa uma esposa infiel: “Por isso agora vou atraí-la; vou levá-la para o deserto e falar-lhe com carinho.” E “Eu me casarei com você para sempre; eu me casarei com você com justiça, com retidão, com amor leal e com compaixão. Eu me casarei com você com fidelidade, e você reconhecerá o Senhor.” Palavras de ternura são recebidas no deserto. Procura a Sua ternura.

“Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus...”

Acima mencionei parte de Deuteronómio 8:2, sobre como o Senhor usou o deserto para que provassem o que estava no seu coração. No versículo seguinte, o 3, Ele diz que queria que aprendessem: “...que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor.”

Isto é uma declaração de ternura — confirmando o que foi dito em Oseias, de que o Senhor nos fala no meio do nosso deserto. Esta passagem é também citada por Jesus quando esteve no deserto, sendo tentado por Satanás: Em Mateus 4:4 Ele a usou quando se recusou a transformar pedras em pão. A palavra que Jesus usou para “palavra de Deus” é *rhema*, não *logos*. *Logos* é o todo da Palavra de Deus, o conjunto completo do Seu conselho — e é usado para descrever Jesus como a Palavra de Deus feita carne. É desde Génesis até Apocalipse — todo o conselho de Deus — e também esse mesmo conselho encarnado na pessoa de Jesus Cristo. *Logos*.

Mas, a partir do *logos*, do todo da Palavra de Deus, surge uma palavra específica para nós individualmente — isso é *rhema*. Refere-se a uma palavra pessoal, uma revelação pessoal de Deus para nós. Recebeste *rhema* acerca de Jesus e respondeste crendo n’Ele. Compreender a diferença entre *logos* e *rhema* pode transformar completamente a tua compreensão do Novo Testamento — e certamente da tua experiência no deserto. *Rhema* pode ser uma revelação, uma direção, um testemunho interior, algo discernido no espírito, ou uma palavra direta.

Jesus, quando foi tentado, equiparou a fome por uma palavra *rhema* à fome por alimento. Não a fome pelo *logos* (o conselho geral de Deus), mas devemos ter fome de uma palavra do Senhor — uma revelação, um ensinamento pessoal ou insight espiritual — com a mesma prioridade que damos às refeições. Deixa isso penetrar: não vivemos apenas de pão, mas de cada palavra pessoal que Deus nos dirige.

Foste salvo por teres recebido uma palavra rhema

Por exemplo em Romanos 10:17 diz que a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo.” (Fé vem por ouvir e ouvir a Palavra de Deus). Aqui, “palavra” é *rhema*, não *logos*. A fé não vem por ler dois capítulos da Bíblia por dia. A fé não vem por memorizar um versículo por dia. A fé não vem por ouvir um sermão. Tudo isso é *logos* — o conselho geral de Deus para todos. É bom, mas não gera fé. A fé vem ao receber *rhema* — uma palavra pessoal de Deus para a tua situação. É quando ouves alguém ensinar e, de repente, aquilo ressoa em ti; ou sentes alegria no espírito; ou uma frase faz com que tudo o que viveste e acreditaste passe a fazer sentido. ISSO é *rhema*. E o contexto original compara ouvir a Deus com alimentar-se, especialmente enquanto estamos no deserto.

Por vezes, uma pessoa precisa de estar mesmo muito profundamente no seu deserto antes de chegar a esse ponto de desespero. É muito mais fácil enviar um email a alguém ou ir a uma reunião esperando que Deus use outra pessoa para nos dar uma palavra, do que pagar o preço de estar diante d’Ele — adorar, escutar por si mesmo... Ele está lá, com ternura, e usa esse tempo para revelar o que está no teu coração. Isso muitas vezes requer silêncio — e partilharei sobre isso e como o fazer na próxima semana.

Até lá, bênçãos,
John Fenn
cwoi.org e email: cwoi@aol.com

Why the Wilderness? The place of silence. 3 of 3

Porquê o Deserto? O lugar do silêncio. 3 de 3

Olá a todos,

Alguma vez estiveste num deserto? Não há muito por lá além de rochas, areia e algumas plantas. É de cor bege e parece estender-se para sempre. É simples e básico. É como uma tigela de papa de aveia. Não há nada visual que te distraia, e não há ruído além do ocasional canto de um pássaro. A sua beleza reside na sua austeridade. Experimentar o deserto árido é experimentar um lugar de silêncio, de estar sozinho para observar, refletir e estar a sós com os seus pensamentos.

O silêncio tem sido, desde há muito, uma pedra angular do judaísmo. Os sacerdotes desempenhavam as suas funções no templo em silêncio. Quando sacrificavam um animal ou ofereciam cereais, faziam-no em silêncio. Em contraste, outras religiões concentram-se em cânticos, gongos, músicas, orações e semelhantes enquanto os seus sacerdotes exercem as suas funções. O rabino Abahu disse que, quando Deus deu os Mandamentos a Moisés, todo o povo ficou em silêncio, e até o mundo ficou em silêncio. O jejum de palavras tem sido, desde há muito, parte do judaísmo e do cristianismo — os monges, em particular, são conhecidos por praticarem votos de silêncio.

Quando o profeta Elias estava na caverna, após o seu confronto com os profetas de Baal, encontrou Deus não no vento forte, não no fogo ou no terramoto, mas numa “voz mansa e delicada”. Em hebraico: *kol demamah dakah*, literalmente “o som de um silêncio subtil”. Só O consegues ouvir quando não estás a falar. Quando não estás a louvar. Quando não estás a orar.

Muitos perceberam que foram criados para ouvir a Sua voz num determinado lugar e num certo estado de mente. Talvez seja enquanto trabalham no jardim, talvez na natureza, talvez num banho quente. Parece que o Senhor nos encontra ali e, na nossa ignorância, podemos pensar que Ele prefere um determinado local. Mas a verdade é que esse é o lugar onde entramos em neutralidade, quando todas as outras distrações são desligadas. Primeiro tomamos consciência da Sua presença, depois das Suas palavras.

Duas partes para ouvir

Quando estou no meu escritório em casa, há muitas vezes em que ouço a Barb noutra ponta da casa a chamar por mim. Mas não consigo perceber o que ela está a dizer — ouço a sua voz, sei que está a dizer algo, mas não consigo distinguir as palavras. Tenho de me aproximar para entender. Em hebraico, quem fala é o *medaber*, e aquilo que é dito é o *medubar*.

Quantas vezes percebemos no nosso espírito uma direção, e depois a nossa mente argumenta contra isso e fazemos o que queremos, só para mais tarde percebermos que era o Senhor? Ouvimos a voz e talvez até compreendemos o essencial da instrução, mas decidimos agir segundo o que a nossa mente nos dizia. São necessárias ambas as partes — primeiro perceber que Ele está a falar, depois discernir o que Ele está a comunicar. Com o Senhor, Ele pode “transferir” um capítulo inteiro que temos dificuldade em expressar em palavras, porque a revelação é tão vasta e liga tantos “pontos” na nossa vida.

Mas tudo começa com o silêncio. É nesse silêncio que sabemos que somos amados, acolhidos e ouvidos. Não estamos sozinhos. Mas essa consciência é subtil, no nosso espírito, essa voz mansa e delicada que, por vezes, não é mais do que uma profunda paz interior. Mas é suficiente, se deixarmos que seja suficiente. Há tanta riqueza, tanta profundidade, apenas em sentir a Sua presença, que, uma vez notada, é como atravessar os portões de uma grande propriedade. Há demasiado para explorar de uma só vez, e queremos parar, absorver e contemplar tudo — assim é a Sua presença no nosso espírito, percebida no meio do silêncio.

Considera...

Deus falou e o universo passou a existir. Por isso, as orações são importantes. Mas, entre as palavras d'Ele e as nossas, há momentos de silêncio. Colocamos um ponto final no fim de uma frase para marcar o silêncio, o fim do discurso. Colocamos um ponto de exclamação para enfatizar uma ideia ou emoção. Mas depois desse ponto ou exclamação há um espaço de silêncio. As palavras são importantes na oração, mas o silêncio é igualmente importante. Sem silêncio entre as palavras, não compreenderíamos o seu significado.

A escuridão entre as estrelas no céu noturno dá-lhes definição e dimensão. O tempo de pausa num evento desportivo é o silêncio entre a ação, que permite pensar, planejar e define o que acontece a seguir no jogo. Abrandamos a nossa fala em momentos solenes, como casamentos e funerais, para permitir períodos de silêncio para reflexão. Não podemos ter palavras sem também termos silêncio entre elas. É pela ausência de palavras que conhecemos o silêncio.

“Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus.” — Salmo 46:10

A palavra “selah” é usada 71 vezes em 39 Salmos e tem sido alvo de grande debate quanto ao seu significado. Era usada para indicar uma pausa, tal como uma fermata é usada hoje na escrita musical. Uma fermata é chamada de “olho de pássaro” ou “olho de ciclope”, porque é um ponto com um arco por cima. Significa fazer uma pausa depois de a nota ser sustentada, ao critério do intérprete ou músico.

A raiz de “selah” significa, de forma semelhante, “pausar”, “suspender” ou “ficar pendente”. Sem um “selah” no final de um versículo, a pessoa seguiria diretamente para o próximo sem parar em silêncio para refletir sobre o ponto acabado de fazer. Quantas vezes sentimos uma direção do Senhor e simplesmente continuamos a nossa vida sem parar para fazer um “selah”, para pausar, para permanecer naquele último pensamento, naquela última revelação que recebemos? Recebe esse *rhema*, depois volta atrás e “mastiga-o” mais um pouco, extraindo todo o alimento espiritual.

A oração é o veículo pelo qual os nossos pedidos são transportados; o silêncio leva-nos à Sua presença.

A cultura ensina-nos que o silêncio é um vazio a ser preenchido. Nos meios de comunicação, o “silêncio morto” é algo a evitar. Têm de preencher o silêncio com palavras e/ou imagens. O silêncio é visto como vazio. O silêncio é associado à solidão. Por isso, as nossas orações tendem a misturar-se com todos os outros sons, e torna-se difícil discernir a voz do Pastor entre tantos. Temos de parar de ouvir essas outras vozes até chegarmos ao ponto em que a Sua voz se destaca sozinha no silêncio.

Mas, em Cristo, o silêncio tem substância. O silêncio requer duas partes: silenciar a língua e silenciar a alma. O silêncio da língua abre a porta ao silêncio da alma. Também abre a porta ao amor, à empatia, à reflexão e a ajustes pessoais de rumo. Andam juntos — tal como não conseguimos definir palavras sem o silêncio entre elas, também não conseguimos definir verdadeiramente a nossa caminhada com Deus sem períodos de silêncio. Mas o silêncio é frequentemente esquecido. Dizemos a Deus o que queremos, declaramos, combatemos, proclamamos, nós, nós, nós. Como podemos esperar ouvir o nosso Pai e Senhor se somos nós que falamos o tempo todo? Aprende o silêncio.

Um rabino disse: “O clamor que se contém é o mais poderoso de todos.” Outro observou: “Um jejum de palavras tem maior poder transformador do que um jejum de comida.” No deserto, considera tempos de silêncio. Na tua vida de oração, assegura-te de dar tempo igual ao silêncio. É assim que tenho vivido durante décadas, e estou convencido de que é uma das razões pelas quais as revelações continuam a fluir. Em momentos em que senti necessidade de mais revelação, peço ao Pai aquilo que Paulo pediu por causa dos efésios em 1:17-19: “Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele. Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos e a incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, conforme a atuação da sua poderosa força.”

No deserto, a nuvem está ali. Os Seus milagres estão ali. Vê-os. Pensa neles. Talvez, como os sacerdotes, tenhas um tempo em que desempenhas as tuas tarefas em silêncio, para examinar o teu coração, pois o deserto não está lá para te tentar para o mal, mas para provar aquilo que Ele sabe que está dentro de ti, para que tu também o possas conhecer. ENTÃO sairás do deserto mais forte

do que antes. O deserto é apenas um momento na tua vida eterna — não o transformes numa vida inteira.

Novo tema na próxima semana, até lá, bênçãos,
John Fenn
cwowi.org e email: cwowi@aol.com